

A Rede de Museus da UFMG: Experiência de Integração de Espaços e Museus de Ciências

Área Temática de Educação

Resumo

Apresentação da organização do trabalho em rede envolvendo os museus e espaços de ciências da UFMG. Entre os objetivos: potencializar e integrar as ações já desenvolvidas. Criar uma agenda comum de atividades e discussões teóricas relacionadas à divulgação científica nos museus e espaços de ciências universitários. Desenvolver formação e treinamento em diversos níveis para os que atuam nos museus e espaços de ciências. Descrição das ações e atividades desenvolvidas para viabilizar o trabalho em rede. A organização em rede tem ensinado aos envolvidos uma nova modalidade de trabalho no espaço acadêmico. O trabalho com uma estrutura administrativa mais flexível aponta para uma realidade de trabalho que se apresenta ao mesmo tempo desafiadora e criativa. A estrutura de trabalho em rede não foi apresentada e ou imposta como um arranjo administrativo e sim surgiu do interesse dos diversos espaços envolvidos, com o ponto de intercessão na Pró-Reitoria de Extensão, de trabalharem a partir de uma agenda comum.

Autora

Betânia Gonçalves Figueiredo - Rede de Museus e Espaços de Ciências – Depto. de História

Instituição

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Palavras-chave: museus; educação à distância; rede

Introdução e objetivo

Este trabalho trata da apresentação da experiência de formação e atuação da Rede de Museus da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Atualmente são sete os integrantes da Rede de Museus, criada em 2000, com o objetivo de estabelecer vínculos e viabilizar ações conjuntas entre os diversos espaços envolvidos com a divulgação científica. Apesar de alguns dos espaços integrantes da Rede terem mais de 20 anos de existência, até o presente momento, poucas atividades de integração entre os variados espaços foram realizadas. Os sete espaços são responsáveis por uma visitação na ordem de 150.000 visitantes/ano (dados de 2003) com uma perspectiva de atingir, em 2005, aproximadamente 200.000 visitantes/ano. O público majoritário que visita estes espaços é formado por crianças e adolescentes do ensino fundamental e médio (faixa etária entre 6/7 a 17/18 anos). A relação entre visitantes e funcionários dos espaços é extremamente baixa. Com exceção de um dos espaços a média de funcionários encontra-se entre 2 a 3 funcionários por espaço. A estrutura de visitação é mantida com o apoio de bolsas, em diversas modalidades, envolvendo alunos de graduação da UFMG. A coordenação de cada um dos museus e espaços de ciências fica sob responsabilidade dos professores da Universidade.

Há uma significativa variação entre os números de visitantes em cada espaços, como também especificidades na organização, na inserção acadêmica, no tipo de exposição e acervo e na política de exposição. A idéia de organizarmos a Rede de Museus partiu da premissa de que as especificidades, de cada um dos espaços, deveriam ser respeitadas. Neste sentido a

forma de organização em Rede não objetivou uma centralização das ações já desenvolvidas e sim potencializar o trabalho realizado e propor ações integradoras.

A idéia de organização em rede teve como pressuposto uma estrutura aberta, onde novos integrantes pudessem aderir às atividades propostas, bem como, caso sentissem necessidade, poderiam romper com o trabalho em rede e voltar a atuar de forma independente.

Atualmente os sete espaços que integram a Rede de Museus da UFMG são os seguintes: Centro de Memória da Medicina, Centro de Memória da Engenharia, Estação Ecológica, Museu de História Natural e Jardim Botânico, Museu de Ciências Morfológicas, Observatório Astronômico Frei Orlando e Centro de Referência em Cartografia História. Com acervos, exposições, pesquisas, estruturas administrativas diferentes e próprias à integração via Rede deveu-se ao fato de todos lidarem, a partir de suas especificidades, com divulgação de ciência especialmente voltada ao público estudantil.

Há um certo consenso de que o pessoal que atua nos diversos setores dos museus, no caso específico os museus de ciência, deve ter uma formação adequada às funções desempenhadas. Mas a formação na área museológica não é fácil de ser obtida. As especificidades são muitas e é difícil imaginar uma formação que seja capaz de abranger todos os itens relativos ao trabalho em museus. As políticas de acervo, de exposições, de captação de recursos e a ação educativa são alguns dos pontos que demonstram a complexidade da questão: como operar e gerenciar museus.

No Brasil existem alguns cursos de graduação em Museologia, que não são capazes de atender a demanda crescente por profissionais na área. Há alguns cursos de especialização que atraem um público de formação diversa, conseguindo abranger um espectro mais interessante para atender as demandas dos variados tipos de museus: os chamados museus de ciência (arqueologia, astronomia, física) museus étnicos, museus históricos, museus de arte e assim por diante. Em Minas Gerais nenhuma destas opções está disponível.

Na Europa e nos Estados Unidos a formação na área processa-se por caminhos um pouco diferentes. Os cursos de graduação são raros, predominam os cursos de especialização, ofertados aos alunos que já obtiveram uma formação básica em áreas de interesse, e disciplinas ofertadas para comporem um núcleo de interesse na área. Mas há um ponto que aproxima as experiências brasileiras e estrangeiras: muito da formação acontece no local de trabalho. A partir das demandas específicas há um delineamento das áreas que precisam de pessoal qualificado. Todos estes exemplos demonstram o quanto é difícil atender, em um único curso, as exigências deste imbricado mercado de trabalho.

A atuação da Rede de Museus buscou minimizar os problemas de formação desenvolvendo algumas ações na área.

É importante ressaltar a idéia de museu que perpassou as discussões da Rede de Museus. No entendimento dos integrantes da rede os museus não podem ser resumidos a meros espaços de visitação, mas espaços interativos de construção da cultura e do conhecimento. Trabalham prioritariamente com a divulgação do conhecimento científico, ao explorar o olhar do visitante, a sua apreciação, o deleite e o entretenimento. A partir do apelo ao encantamento dos seus visitantes, os museus e espaços de ciências oferecem a possibilidade de despertar vocações profissionais junto ao público estudantil, que são incentivados a questionar, solucionar dúvidas, aprimorar conhecimentos e reciclar conceitos. Por outro o desafio é constantemente lançado aos que administram e trabalham nestes espaços: como proceder para que este processo se desenvolva com sucesso? Como criar e implementar os catalisadores necessários para que o resultado final seja satisfatório? O resultado é sempre um aprendizado, interdisciplinar, tanto para os que organizam e administram os espaços com o também para os seus visitantes.

A Rede de Museus e Espaços de Ciências da UFMG foi criada para potencializar as ações de pesquisa e extensão na área museológica da universidade. Cada espaço busca, a

partir de seus acervos e exposições, aproximar a memória científica proporcionando a oportunidade das pessoas conhecer, de maneira interativa, aquilo que comumente estavam habitadas a ver apenas nos livros ou dentro das salas de aula.

Metodologia

A princípio como integrar espaços tão diferentes? A Rede partiu da definição de alguns denominadores comuns para nortear as ações em conjunto. O primeiro deles foi perceber que todos os espaços, apesar de suas particularidades, tinham em comum o objeto de estabelecer uma comunicação entre o mundo da ciência e o público leigo, ou em outras palavras, buscava-se realizar divulgação científica. Cada um utilizando-se dos recursos disponíveis, das características do acervo e da exposição, mas todos buscando estabelecer um diálogo entre alguns aspectos da pesquisa acadêmica e o público leigo. Outro denominador comum foi a percepção que se tratavam de espaços de ciência, vinculados a uma universidade. Quatro dos espaços localizam-se no interior do campus universitário (a Estação Ecológica e o Museu de Ciências Morfológicas localizam-se no campus da Pampulha, o Centro de Memória da Medicina no Campus da Saúde; o Centro de Memória da Engenharia no antigo prédio da Escola de Engenharia no centro da cidade); dois outros espaços localizam-se fora da estrutura do Campus (o Observatório Astronômico Frei Rosária, na Serra da Piedade e o Museu de História Natural e Jardim Botânica na região do Horto em Belo Horizonte) e um dos espaços, o Centro de Referência em Cartografia Histórica, localiza-se em um centro de pesquisa na Cidade de Diamantina. Cada um destes espaços está vinculado à Institutos de pesquisas, Escolas ou departamentos da UFMG. São eles o Instituto de Ciências Biológicas, Instituto de Geo-Ciências, Departamento de Física, Escola de Engenharia (Associação do Ex-alunos), Escola de Medicina.

Estes dois denominadores comuns – divulgação científica e o vínculo com a estrutura universitária – apontou-nos o caminho da História da Ciência. Todas as atividades integradoras deveriam perpassar a construção histórica dos museus de ciências e a percepção das discussões em torno da história da ciência, especialmente a idéia de que a ciência é uma construção do saber, com muitas idas e vindas. Não é um conhecimento acabado e finito, mas algo em construção, em elaboração.

As ações propostas foram desenvolvidas em duas direções. Uma voltada tanto para a discussão das diversas concepções de museus e espaços de ciências (e a tentativa de concentrar em uma concepção e seus desdobramentos) como também para a formação dos profissionais envolvidos nas diversas atividades. Para tanto foram realizadas atividades de reconhecimento dos espaços, onde cada representante dos variados espaços visitava e recebia informações referentes aos demais. Nestas reuniões e encontros discutiu-se, entre outros aspectos, a aplicação de recursos comuns, financiados pelo Fundo FUNDEP (Fundação de Desenvolvimento à Pesquisa), e a possibilidade de novos financiamentos e projetos em comum. A Fundep destina todo ano, um percentual da arrecadação com as diversas atividades de prestação de serviços da Universidade para um projeto específico. A Rede de Museus contou com os recursos do Fundo FUNDEP em 2002 e 2003.

Ao longo dos anos, desde a construção da idéia de rede, realizaram-se encontros com palestras e discussões com pesquisadores da área no Brasil. Além disso, foi desenvolvida uma metodologia de formação básica em museologia para bolsistas (dos diversos cursos de graduação) e os funcionários. A metodologia utilizada foi semi-presencial, módulos disponibilizados no programa quick place, na internet, e encontros onde discutia-se a metodologia e as temáticas desenvolvidas nos módulos. Este curso foi ofertado três vezes, nos últimos três anos. O público alvo destes cursos foi composto por funcionários da universidade que já trabalham ou estão interessados nos museus e centros de ciências, bolsistas da extensão e outros bolsistas e alunos da graduação em geral.

O segundo caminho de integração priorizado foi buscar trabalhar com uma linha de comunicação comum. Desde a criação de uma logomarca da Rede, que seria associada às logomarcas de cada espaço, até peças institucionais (agenda e calendário 2004), papelaria, folders coletivos, programações conjuntas e assim por diante. Nestas atividades a idéia e o conceito de trabalho em rede foram sendo testados e aplicados. Um programa de comunicação da Rede de Museus foi desenvolvido pelo Centro de Comunicação da UFMG (Cedecom) e vem sendo implementado aos poucos. Atividades integradoras voltadas para o público externo também foram experimentadas, como por exemplo, a comemoração conjunta do dia internacional dos museus. O local escolhido foi o Observatório astronômico Frei Orlando, em uma tarde/noite fria de maio. A partir do público acostumado a frequentar e apreciar o céu no Observatório organizamos uma subida à Serra da Piedade coletiva. Todos os espaços da rede de museus apresentaram seus trabalhos e seus espaços aos visitantes do Observatório. Na oportunidade foram lançadas duas peças da divulgação conjunta: folder e marcador de livro.

A partir de uma demanda da Pró-Reitoria de extensão da UFMG foi elaborado um treinamento em museus de ciências que buscou atender às necessidades de formação básica dos bolsistas e funcionários que atuam nos espaços museológicos da Universidade. Neste projeto foram priorizadas quatro instituições museológicas: Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico, Museu de Ciências Morfológicas e Casa da Glória – Centro de Referência em Cartografia. Instituições com história, acervo, público, exposições bastante diferentes e com muitas especificidades.

Dentro deste universo heterogêneo buscamos definir alguns pontos comuns. Destacamos que todos estes espaços museológicos pertencem à estrutura da Universidade e têm, entre seus objetivos, divulgar conhecimentos científicos. São espaços que lidam com acervos relacionados à ciência e atendem um público que, por motivos os mais diversos possíveis, desejam visitar museus com conteúdo de ciência. A partir deste pressuposto definimos, entre o conteúdo a ser veiculado, temas relacionados à história da ciência e à formação do conhecimento na ciência.

Como pressuposto para definir nossa ação priorizamos um treinamento nivelador. A formação destes bolsistas e funcionários é a mais dispare possível, tendo como ponto comum uma formação precária, heterogênea e pouco sistemática na área específica: museus com recorte em ciência.

A metodologia escolhida para viabilizar o treinamento foi o formato semi-presencial. O treinamento foi dividido em dois conjuntos de atividades. A primeira disponibilizada através da Internet, utilizando o software quick-place. Na Segunda, encontros presenciais através de visitas monitoradas aos espaços museológicos em questão.

As atividades disponibilizadas pela Internet estavam centradas em módulos liberados semanalmente, com pré-requisito de ter cumprido com as atividades anteriores. Nestes módulos os temas de nivelamento foram repassados aos alunos. Adotamos uma linguagem simples, familiarizando os alunos com o vocabulário museológicos e com temas relacionados à história da ciência. A elaboração destes módulos foi feita por uma equipe interdisciplinar, que, com abordagens diversas, trataram das temáticas propostas: os museus têm história, história da ciência, conhecimento científico, prática educativa nos museus, exposição, público.

Além dos módulos o programa quick-place possibilita um série de recursos que visam a disponibilização de informações. Criamos diversas ‘pastas’ que os interessados poderiam acessar livremente. Entre estas pastas destacamos notícias, referentes ao museus de ciência no Brasil e no mundo (exposições, mudanças no acervo, descobertas etc.); sites dos museus de ciência no Brasil e no mundo, classificados pela característica do acervo; sites importantes (com informações sobre tratamento de acervo e assuntos similares); cronograma das

atividades, listas dos participantes do treinamento, recados aos alunos, roteiro para visitas, bibliografia, artigos de interesse.

A cada módulo trabalhado o aluno enviava suas reflexões, respostas, dúvidas ao sistema de gerenciamento do curso, através de e-mail, que repassava ao autor do módulo. Desta forma foi possível acompanhar o desenvolvimento dos treinandos ao longo das atividades propostas. Além desta comunicação ocorreram quatro visitas aos espaços que envolviam os treinandos e uma visita ao Museu Histórico Abílio Barreto, museu municipal de Belo Horizonte que nos últimos 6 anos passou por uma grande transformação em seus projetos museológico e museográfico. Ao todo foram 6 encontros presenciais: atividade de abertura para esclarecimento da proposta, apresentação do sistema das atividades e demonstração do software quick-place. E cinco visitas: quatro aos espaços da UFMG e uma visita ao museu histórico municipal.

O formato semi-presencial não substitui o formato presencial, mas sem dúvida é um campo rico a ser explorado nas atividades de formação e treinamento em museus.

Este treinamento foi realizado através do apoio da Pró-reitoria de Extensão da UFMG, do Grupo Scientia & Technica, e da equipe Museu-Escola (FAE/UFMG).

Resultados e discussão

O resultado do trabalho da Rede de Museus da UFMG, nos seus quase quatro anos de existência, tem sido bastante interessante. Os diversos coordenadores e diretores dos museus e espaços de ciência passaram a trabalhar com uma agenda comum, onde diversos problemas e ações encaminhadas individualmente encontraram ressonância na estrutura da Rede de Museus. As atividades desenvolvidas receberam uma boa repercussão nos meios de comunicação. Em 2003/2004 cinco projetos de espaços e programas da Rede de Museus foram contemplados com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), sendo que um dos projetos pretende desenvolver, entre 2004/2005, um programa de formação continuada envolvendo os funcionários dos diferentes museus e espaços de ciências. Neste programa estão incluídas a metodologia semi-presencial e o intercâmbio e estágios em outros museus e espaços de ciências no País. A agenda da Rede de Museus escolhe um tema para ser trabalhado ao longo do ano e em 2004, por exemplo, o tema escolhido foi público e museus. Uma agenda de eventos comum está sendo organizada onde se destacam programas como comemoração conjunta do Dia Internacional dos Museus, Férias nos Museus, UFMG jovem, Visitas Orientadas.

Análise da experiência da formação de profissionais:

Ao longo do semestre em que se experimentava este curso fomos nos deparando com algumas dificuldades e também com alguns feedback negativos e positivos.

A primeira dificuldade estava na efetivação da intercomunicação por meio eletrônico. Mesmo alunos que tinham noções básicas de informática custaram a conseguir se familiarizar com o instrumental. É curioso notar como embora os módulos fossem compostos de textos curtos intercalados com links e ilustrações, de modo a propiciar a leitura e o desenvolvimento das atividades no computador, boa parte dos integrantes optava por imprimir o material, para poder ir 'trabalhando com calma'. Nestas situações a possibilidade de percorrer os links sugeridos ficava comprometida. Vale notar que muitos dos integrantes da turma trabalhavam em micro-computadores conectados no sistema universitário, não dependente da conexão telefônica. Com exceção do Museu de História Natural e Jardim Botânico, que apesar de representar o maior número de bolsistas e funcionários atuando em museus na UFMG, ainda não está ligado diretamente à rede da Universidade, dificultando, em muito, o acesso e desenvolvimento dos trabalhos online. Aqueles que não conseguiram acessar o sistema solicitavam aos colegas que imprimissem os módulos.

A familiaridade com utilização de micro-computador e utilização da Internet foram pré-requisitos na inscrição dos candidatos. Mesmo assim observamos que não há uma cultura de realização de treinamentos ou curso neste formato, dificultado o andamento dos trabalhos. Mesmo tendo familiaridade na utilização de micros e Internet não havia nenhuma experiência prévia de acompanhamento neste tipo de atividade.

Outra dificuldade notada, e que em parte já podia ser prevista, é que a interação entre os participantes é fraca por meio virtual, o que talvez tenha sido agravada pelo fato de adotarmos o sistema de comentários individuais às respostas. Nesse sentido foram fundamentais as trocas de informações e experiências entre os participantes do grupo que ocorreram durante as atividades (visitas) presenciais. Estas atividades foram as principais responsáveis pelo alcance de um dos objetivos do curso: integrar de forma mais sistemática as equipes de trabalho das várias instituições abordadas. O ápice destes encontros presenciais aconteceu na visita ao espaço Casa da Glória – Centro de Referência Cartográfica, em Diamantina. Durante os dias da viagem, aproveitando a bela paisagem diamantinense, entre uma visita e outra, o grupo pode se integrar, discutir com mais profundidade os temas abordados, refletir sobre as dúvidas e sobre as próprias experiências, além da reflexão sobre a formato do treinamento, novo para todos os integrantes: a equipe de elaboração e a turma.

Conclusões

A experiência de trabalho em rede indica que é possível otimizar os recursos e potencializar as ações. Por um lado diante dos graves problemas financeiros enfrentados pelo sistema público de ensino e pesquisa universitário no Brasil o caminho encontrado pela Rede busca minimizar os impactos da falta de recursos e ensina o caminho de um trabalho cooperativo. Por outro lado a opção por trabalhar em rede indica um outro patamar das atividades de extensão universitária. Indica o caminho de uma integração que é realizada não a partir da estrutura administrativa, mas a partir de uma agenda e discussões comuns que vão sendo trabalhadas e analisadas ao longo de todo o processo.

Por enquanto não está definido qual será o futuro da Rede de Museus. Hoje é uma idéia que tem apresentado resultados bastante positivos e interessantes, por que não dizer promissores. Não há um espaço físico que abrigue a Rede. Ela é uma estrutura informal que viabiliza ações conjuntas. Todo este trabalho tem sido desenvolvido com o apoio incondicional da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG.

A estrutura da rede de museus permanece bastante aberta e seus passos futuros não foram definidos. Se por um lado a estrutura de organização aberta tem-se apresentado rica e desafiadora, por outro o trabalho continua inserido em uma estrutura maior, que divide os espaços nas diversas áreas da ciência e os vincula às suas origens administrativas. O futuro da Rede de Museus e Espaços de Ciências da UFMG com certeza perpassará a solução ou a viabilização deste paradoxo.